



**A Literatura e Abertura de Sentido: Um Relato de Experiência Numa Visada  
Heideggeriana**

Mayane M. Rodrigues

Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Souza da Silva

10 de Outubro de 2023

**MAYANE MAIA RODRIGUES**

**A LITERATURA E ABERTURA DE SENTIDO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA  
NUMA VISADA HEIDEGGERIANA**

**APROVADO EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**NOTA:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Souza da Silva**

**Orientadora (UFPB)**

---

**Eder Oliveira Teixeira**

**Avaliador Externo (UNICAP)**

---

**Renata Ferreira de Azeredo**

**Avaliadora Externa (UERJ)**

## **A Literatura e Abertura de Sentido: Um Relato de Experiência Numa Visada Heideggeriana**

**Resumo:** O presente trabalho buscou refletir sobre a literatura enquanto sensibilizadora de temas existenciais na formação do psicólogo, a partir do relato de minha experiência enquanto graduanda do curso de Psicologia de uma universidade pública. Como objetivos específicos, têm-se: 1) Tematizar a literatura de Clarice Lispector como uma vivência fenomenológica para o leitor; 2) Relacionar a obra literária “A paixão segundo G.H.” à abertura de sentidos segundo Heidegger e 3) Destacar a abertura de sentido como promotora de uma mudança pessoal. Neste contexto, tem-se que a leitura é considerada um instrumento transformador da realidade, assim como da cultura, estando à serviço da cidadania. Na literatura brasileira, Clarice Lispector destaca-se por traduzir os mais profundos e singelos sentimentos, bem como reflexões existenciais, por meio da expressão artística escrita. No âmbito existencialista, Heidegger é um dos grandes filósofos a teorizar acerca do sentido do ser, assim como da abertura ao mundo de possibilidades do Dasein. Sendo assim, utilizou-se a obra “A paixão segundo G.H.” e a teoria heideggeriana, a fim de relacioná-los, bem como à minha vivência ao ler a obra. A partir da experiencição da obra e da confecção de um relato de experiência, concluí que a obra fez-me pensar sobre a minha atuação como futura psicóloga. Ampliou o meu olhar às possibilidades, não as reduzindo e me permitindo ver os fenômenos desvelados. No âmbito pessoal, senti-me mais autêntica e me vendo como um ser-á com defeitos e imperfeições.

*Palavras-chave:* literatura, abertura, Clarice Lispector, Heidegger

## **The Literature and Opening of Meaning: An Experience Report in a Heideggerian Vision**

**Abstract:** The present work sought to reflect on literature as a sensitizer of existential themes in the formation of the psychologist, from the account of my experience as a graduate of the Psychology course of a public university. Specific objectives are: 1) Thematize the literature of Clarice Lispector as a phenomenological experience for the reader; 2) Relate the literary work "The passion according to G.H." to the opening of meanings according to Heidegger and 3) To highlight the opening of meaning as a promoter of personal change. In this context, reading is considered a transforming instrument of reality, as well as culture, being at the service of citizenship. In Brazilian literature, Clarice Lispector stands out for translating the deepest and simplest feelings, as well as existential reflections, through written artistic expression. In the existentialist context, Heidegger is one of the great philosophers to theorize about the sense of being, as well as the openness to the world of possibilities of a subject. Thus, the work "The passion according to G.H." and heideggerian theory were used in order to relate them, as well as to my experience when reading the work. From the exhibition of the work and the making of an experience report, I conclude that the work made me think about my performance as a future psychologist. It broadened my gaze to the possibilities, not reducing them and allowing me to see the unveiled phenomena. Personally, I felt more authentic and seeing myself as a human being with defects and imperfections.

*Keywords:* literature, opening, Clarice Lispector, Heidegger

De acordo com Betti (2019), e com seus escritos acerca de *Cândido*, a literatura tem um caráter humanizador, sendo, também, uma necessidade universal capaz de nos libertar, bem como tornar-nos seres mais compreensivos e abertos ao outro. Faz-nos refletir, adquirir conhecimentos e afina as nossas emoções diante da complexidade do mundo e na relação com ele. Ainda segundo este olhar, é válido salientar a importância da utilização da literatura como instrumento de acesso às tematizações da existência humana, através da tradução do indizível e do desvelamento de novos modos de existir no mundo.

A literatura é uma forma de arte dimensionada na palavra, sendo capaz de produzir sentido na vivência individual, bem como prática na compreensão (Santos & Borges, n.d.) e atuação do sujeito no mundo. A leitura deve ser considerada um instrumento transformador da realidade, assim como da cultura, estando à serviço da cidadania (Peruzzo, 2011).

Neste contexto, Silva (1995) pontua que a prática da leitura promove a apropriação e aquisição de significados, como de experiências sociais. Ademais, prismas da alma de um povo são fixados na literatura (Lobato, 1981), sendo perpassados e difundidos ao longo das gerações. É possibilitado, também, um contato experiencial, desde que o indivíduo permita-se ser tocado e se lance no inesperado, vivenciando a sua liberdade frente à tragicidade do mundo. Neste contexto, Ferreira e Brasil (2022) corroboram este pensamento:

A literatura nacional e mundial tem propiciado um mergulho imensurável no existir humano. Personagens foram criados no sentido de compreendermos a dimensão da existência humana e tudo o que aí se faz presente. O caminho cotidiano traçado pelos mais diversos autores tem como ponto fundamental o homem e sua humanidade, o existir e sua existencialidade, o temporalizar e o especializar, o possibilitar e o escolher. (p.125)

No âmbito nacional, Clarice Lispector foi responsável por traduzir os mais profundos e singelos sentimentos, bem como reflexões existenciais, por meio da expressão artística escrita. Ela traz, em suas obras, o desvelar do eu, através da tomada de consciência, de seus personagens, de suas singularidades (Costa, 2007) e de como estas ficaram nebulosas, devido ao automatismo cotidiano. De acordo com o biógrafo Moser (2017), após a morte desta ilustre mulher, seu amigo escreveu:

Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na Terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes. (p.52)

Ao versar sobre questões cotidianas, Clarice Lispector trouxe à tona vivências humanas, perpassando as suas fragilidades e efemeridades, favorecendo a experienciação ao leitor, em torno de suas próprias questões.

A fim de refletir estas temáticas, utilizei o filósofo existencialista Martin Heidegger, especificamente a sua perspectiva da abertura de sentido e a obra “A paixão segundo G.H.” de Clarice Lispector. A escolha da obra foi baseada na minha experiência durante e o impacto, posterior, à leitura. Acredito foi um desses momentos canônicos, decisivos, na vida, que marcam as nossas almas e nos tira do eixo. Foi o meu clamor heideggeriano, que me tirou da impessoalidade e me fez perceber que eu estava em débito comigo. Débito, este, compreendido como uma convocação ao poder-ser mais próprio de um Dasein, considerado, comumente, como voz da consciência (Sá, 2001).

Dessa forma, este estudo tem como objetivo principal refletir sobre a literatura enquanto sensibilizadora de temas existenciais na formação do psicólogo, a partir do relato de

minha experiência enquanto graduanda do curso de Psicologia de uma universidade pública. Além disso, conta com os objetivos específicos: 1) Tematizar a literatura de Clarice Lispector como uma vivência fenomenológica para o leitor; 2) Relacionar a obra literária “A paixão segundo G.H.” à abertura de sentido, segundo Heidegger e 3) Destacar a abertura de sentido como promotora de uma mudança pessoal.

### **Clarice Lispector - o fenômeno desvelado**

Chaya Pinkhasovna Lispector, na sua condição originária de ucraniana, fugindo de uma realidade de fome e de condições sub-humanas, bem como temperaturas que atingiam graus abaixo de zero, nasce de Mania, no dia 10 de dezembro de 1920 (Moser, 2017).

Após a sua chegada, ao Brasil, aos um ano e alguns meses, seu nome é modificado (Moser, 2017), aproximando-a de sua brasilidade. Tal questão da nomeação é alvo de várias obras, sendo um processo responsável por trazer as coisas à existência (Moser, 2017). Assim como Clarice, Davis (2020), cita que Heidegger considera a linguagem capaz de trazer, aos entes, à abertura, por meio de sua nomeação, trazendo-os à palavra e ao aparecimento.

De acordo com Alonso (2011), Clarice Lispector foi capaz de tocar o silêncio ao dar voz ao mistério do ser, buscando refletir sobre o ser no mundo, bem como a finitude humana. Ademais, Freitas (2020) pontua que: “o escrever clariceano revela-se sempre como abertura, uma escrita que pulsa ao sabor da existência. Sua prosa poética é um eterno prelúdio de uma conversa com seus leitores” (p. 59).

Neste contexto, utilizei sua obra literária *A Paixão Segundo G.H.*, para atingir os objetivos propostos. Esta foi escrita em 1964 e versa sobre G.H., uma escultora bem-sucedida, que após despedir a sua funcionária responsável pelos serviços domésticos, decide

limpar o quarto de serviço, onde estariam as inutilidades da casa, bem como toda sujeira. Após deparar-se com um quarto limpo e organizado, uma barata chama a sua atenção, gerando um grande incômodo. Passado o susto, ela decide esmagar a barata e, surpreendentemente, ingere o seu interior esbranquiçado.

G.H. trazia uma visada de ser humano fechado em si: “Minhas previsões me fechavam o mundo” (Lispector, 1964, p.13), em que o verbo ser está sempre na sua forma indicativa, no presente, em que eu sou, tu és e assim por diante. Percebe-se, então, um caráter de imutabilidade do sujeito, o que cria uma zona de conforto e limita o indivíduo: “E nunca antes eu me havia deixado levar, a menos que soubesse para o quê” (Lispector, 1964, p.63).

O contraste percebido entre a impureza da barata e a vida civilizada e aparentemente perfeita de G.H. a fez repensar sua existência, modo de ser e estar no mundo: “Ontem de manhã quando saí da sala para o quarto da empregada - nada me fazia supor que eu estava a um passo da descoberta de um império” (Lispector, 1964, p. 19). Percebeu-se, dessa forma, a criação de uma nova perspectiva de vida, bem como a inauguração de sentidos existenciais.

Todo o processo, desde o descobrimento até a deglutição da barata, é permeado por um novo olhar acerca do mundo, como pontua G.H.: “A barata me tocava toda com seu olhar negro, facetado, brilhante e neutro. [...] E agora eu começava a deixá-la me tocar. Na verdade, eu havia lutado a vida toda contra o profundo desejo de me deixar ser tocada” (Lispector, 1964, p. 70).

Este inseto, visto como um objeto de repulsa e causador de repugnância, foi o responsável por abrir os sentidos e as possibilidades da protagonista frente ao mundo, sendo este um processo doloroso e difícil. Sair do automatismo exige coragem e esta vivacidade pontuada por G.H.:

Toma, toma tudo isso para ti, eu não quero ser uma pessoa viva! Tenho nojo e maravilhamento por mim, lama grossa lentamente brotando. Era isso - era isso então. É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. (Lispector, 1964, p.46)

### **Martin Heidegger e o existencialismo fenomenológico**

Martin Heidegger (1889-1976) é visto como um dos agentes propulsores da filosofia do século XX, o qual questionou o sentido do ser e, conseqüentemente, refletiu sobre a existência humana (Braga & Farinha, 2017). Neste contexto, ele cria uma nova terminologia para o modo de ser do homem, denominando-o Dasein (Heidegger, 2012) e, na tradução brasileira, ser-aí.

Este termo presume, de acordo com Braga e Farinha (2017): “presença que engloba o indivíduo no conjunto, como existente humano. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade e aponta para a indiferenciação humana: somos no próprio movimento de realização de nossas possibilidades de ser” (p.66).

O Dasein pode ser caracterizado como o ente que compreende o ser na sua existência e não de maneira científica como objeto de estudo (Nunes, 2012). Encontra-se, sempre, em movimento de abertura e de fechamento, enquanto possibilidade de seu ser-no-mundo (Mannes, 2020). Para Heidegger (2012), a abertura é uma disposição afetiva, sendo uma das estruturas primordiais do Dasein. É a partir dos afetos que a abertura possibilita que os seres sejam tocados e modificados pelo mundo (Oliveira, 2006).

Busca-se romper com a ideia de modo de ser ontológico e Heidegger (2012) considera-o “onticamente assinalado, pois para esse ente está em jogo em seu ser esse ser ele mesmo” (p. 59). Dessa forma, tal Dasein é equivalente a um tornar-se, em uma relação íntima

com o ser, em que é caracterizada no vir a ser o que se é (Braga & Farinha, 2017). Tal tornar-se é produto da abertura às possibilidades como constitutiva da compreensão (Stefani & Cruz, 2019) e, em Heidegger (2012), é a condição primordial para a projeção de possibilidades do Dasein.

A partir da descoberta de mundo e, conseqüente abertura para si mesmo, o Dasein rompe as deturpações em que a pre-sença se tranca contra si (Heidegger, 2012). Entretanto, por estar-lançado no mundo e, dessa forma, ter inúmeras possibilidades, o ser-aí oscila entre fechamento para si e abertura (Bezerra & Bezerra, 2012). Vale salientar que este estar-lançado é referente ao modo cotidiano de estar imerso em ocupações, que demandam certo empenho, demonstrando o caráter variável da pre-sença, que ao estar aberta num fazer, estará diretamente fechada para outros diversos (Santos, 2007).

Neste panorama, o indivíduo sente-se inseguro frente às possibilidades, tendo, como consequência, a aparição da angústia (Freitas, 2020). Dessa forma, segundo Araújo (2018), o Dasein não pode ser compreendido separado de sua angústia, sendo esta responsável por situar o sujeito no mundo. De acordo com Mannes (2020), ao se deparar com a angústia, este Dasein encontra-se consigo e tem a possibilidade de assumir a ele próprio.

No contexto da arte e de seus significados, Heidegger busca a sua compreensão a partir da arte grega, trazendo a abertura do ser dos entes. Ademais, Davis (2020) pontua a obra "A origem da obra de arte", de Heidegger, em que: "a arte ainda é imprescindível como uma maneira essencial e necessária pela qual a verdade acontece, e que é decisiva para a existência histórica do ser humano" (p. 185)

### **Experienciando-me com Clarice e Heidegger**

A obra remexeu aspectos tão bem estruturados da minha existência, que me trouxe questionamentos acerca do meu tão estabelecido modo de viver. Percebi, que como Dasein, sempre busquei explicar e objetivar o meu próprio viver, tentando evitar os possíveis sofrimentos e, dessa forma, afastando-me, também, da presentificação e da experienciação do vivido.

A fim de facilitar este viver, G.H. traz a necessidade de conter o caos da vida, a partir da atribuição de formas: “Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa [...] E que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma” (Lispector, 1964, p. 11-12).

Para G.H. o arrumar a casa seria "achar a melhor forma" (Lispector, 1964, p.27), supôs, até que seria a sua única vocação:

Eu nascera sem missão, minha natureza não me impunha nenhuma; e sempre tive a mão bastante delicada para não me impor um papel. Eu não me impunha um papel, mas me organizara para ser compreendida por mim, não suportaria não me encontrar no catálogo. (Lispector, 1964, p. 23)

Tal organização seria uma forma de domesticar o viver, a fim de torná-lo familiar (Lispector, 1964, p.14). Assim como Heidegger teoriza, o ser é lançado no mundo (Dasein) e não apresenta missão ou objetivos a cumprir e, dessa forma, a partir de seus movimentos, de fechamento e abertura, vai tornando-se o seu eu mais autêntico.

Nesse contexto, a relação de G.H. com o quarto, inicialmente era inautêntica e suscitava um ar de mistério e expectativas, trazendo possibilidades desconhecidas e possivelmente angustiantes:

O quarto era o oposto do que eu criara em minha casa, o oposto da suave beleza que resultara de meu talento de arrumar, de meu talento de viver, o oposto de minha ironia serena, de minha doce e isenta ironia: era uma violentação das minhas aspas, das aspas que faziam de mim uma citação de mim. (Lispector, 1964, p.34)

Deparar-me com a obra foi como mergulhar numa piscina sem saber, ao certo, a sua profundidade, foi desenformar-me. Inicialmente parecia rasa e cristalina, mas ao adentrá-la, tornou-se extremamente profunda e turva. Assim como G.H. o fez, eu entreguei-me completamente ao livro e me encontrei no abismo do meu viver: “Entregar-me ao que não entendo será pôr-me à beira do nada. Será apenas indo, e como uma cega perdida no campo” (Lispector, 1964, p.14).

Clarice tem o poder de despertar o adormecido em nós, meros mortais, desde que estejamos abertos a senti-la, permitindo uma ampliação dos nossos horizontes. Suas obras têm a capacidade de permitir o desvelamento de fenômenos próprios dos entes, um revelar de sentidos, de forma livre (Azeredo, 2021) e espontânea.

De acordo com Nunes (2012), que é fundamentado pela “Origem da Obra de Arte” de Heidegger, a realidade exterior propõe uma natural procedência de estados interiores em relação ao mundo, justificando a apreciação das coisas de acordo com a maneira pela qual estas nos afetam. Desta forma, senti a leitura de modo extremamente vivencial, especialmente por ter sido realizada em dois momentos divergentes da minha vida.

Numa primeira leitura, sentia que os meus dias eram caóticos e a obra me permitiu adentrar meu ser. Encontrei a calma ao me sentir compreendida por G.H. e o seu modo de estar no mundo e de possuir diversas incertezas, assim como fui encontrando a minha voz interior.

Só depois é que eu ia entender: o que parece falta de sentido - é o sentido. Todo momento de “falta de sentido” é exatamente a assustadora certeza de que ali há o sentido, e que não somente eu não alcanço, como não quero porque não tenho garantias. (Lispector, 1964, p.29)

Nestes minutos, após compreender que eu não possuía todas as respostas, a sensação foi de, finalmente, sair debaixo d'água e respirar o ar fresco, submergindo minutos depois e, desta vez, com equipamento de mergulho.

A releitura aconteceu num momento de tranquilidade pessoal, em que a rotina se fez uma boa amiga e, G.H. permitiu-me viver sob suas lentes e experienciar todos os cenários relatados, como se eu estivesse, de fato, em sua pele. G.H., assim como eu, decide lançar-se, sendo uma experiência árdua, lenta e não linear, como ela bem pontua: “É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo” (Lispector, 1964, p.10).

De maneira tão genuína, percebi que esse desprendimento nos levou a uma abertura nunca experienciada, contrapondo a versão de viver difundida pelo senso comum e hedonismo, trazendo sofrimentos à tona e exigindo muita coragem para se manter neste processo. Foi um sentimento de crise existencial, que me fez questionar o meu modo de viver e a minha manifestação de ser no mundo. De acordo com Feijoo e Protasio (2015), Heidegger afirma que tal crise existencial é o momento de acontecimento de algo novo, sendo este responsável por permitir a suspensão das determinações existentes e consequentes aberturas de possibilidades de transformações.

Ao versar sobre um encontro tão banal entre G.H. e a barata, a autora foi capaz de revelar um mar de sentidos da minha existência. Assim como G.H. ao se deparar com a

barata, senti-me extremamente tocada ao ler o livro. “A barata me tocava toda com seu olhar negro, facetado, brilhante e neutro. E agora eu começava a deixá-la me tocar” (Lispector, 1964, p.70). Cada capítulo deixava-me tão absorta e reflexiva, que, por vezes, precisei parar a leitura e me demorei na angústia trazida à tona. A sensação era exatamente esta:

E eu estava toda nova, como uma recém-iniciada. Era como se antes eu estivesse estado com o paladar viciado por sal e açúcar, e com a alma viciada por alegrias e dores - e nunca tivesse sentido o gosto primeiro. E agora sentia o gosto do nada. (Lispector, 1964, p. 82)

A partir deste trecho e, seguindo a perspectiva heideggeriana, percebe-se a enfermidade como modo de ser do Dasein, na dificuldade de estabelecer e suportar uma relação de abertura de sentidos do mundo, retornando a um fechamento devido ao sofrimento causado pelo estranhamento e a indeterminação presentes no encontro (Magliano & Sá, 2015).

Nesse contexto, é possível compreender a relação entre Dasein e mundo, a partir da obra citada. A barata, através da sua existência incomoda G.H., que se encontrava, majoritariamente, no fechamento de sentido, a fez repensar sua liberdade. Assim, possibilitou a sua abertura de mundo e, conseqüentemente, o seu fazer-se próprio. A sua experimentação viabilizou este contato dinâmico de um mesmo “mundo”, sendo criada uma relação de paixão entre ambos, originando o título da obra.

Isto é exemplificado pelo trecho: “Seria necessário uma horda de baratas para fazer um ponto ligeiramente sensível no mundo - no entanto uma única barata, apenas pela sua atenção-vida, essa única barata é o mundo” (Lispector, 1964, p.100). Percebe-se, então, que

G.H. só consegue vivenciar a abertura, à medida que foi experienciando a angústia, que rodeava sua vida, pois:

A angústia, como disposição constitutiva, é que irá propiciar a abertura para si do Dasein, uma saída da cotidianidade, uma independência dos outros, uma ruptura consigo, com o que se é cotidianamente, com a estabilidade. [...] ela é um entre fechamento e abertura. (Bezerra & Bezerra, 2012, p.31)

De acordo com Heidegger (2012), é apenas na angústia que vigora a possibilidade de uma abertura, sendo através desta a oportunidade de perceber um horizonte de possibilidades, nas quais é viável a vivência no mundo fundado em si mesmo. Partindo deste pressuposto, Clarice descreve o contato de G.H. com esta angústia e, conseqüente, abertura:

É muito difícil de sentir. Até então eu estivera tão engrossada pela sentimentaço que, ao experimentar o gosto da identidade real, esta parecia tão sem gosto como o gosto que tem na boca uma gota de chuva. É horrivelmente insípido, meu amor. (Lispector, 1964, p. 82-83)

Clarice foi capaz de traduzir, sinestesticamente, a minha sensação frente a insipidez da vida. Assim como G.H., eu senti que havia vivido muito, muitos fatos, sendo esta vida um produto das minhas escolhas e de minha total responsabilidade.

O que era difícil: pois a coisa neutra é extremamente enérgica, eu cuspi e ela continuava eu. Só parei na minha fúria quando compreendi com surpresa que estava desfazendo tudo o que laboriosamente havia feito, quando compreendi que estava me renegando. E que, ai de mim, eu não estava à altura senão de minha própria vida. (Lispector, 1964, p. 135)

Davis (2020) reiterou o pensamento heideggeriano acerca da importância da arte em tornar o invisível, visível, portanto, permitindo a abertura de “um mundo de entes de modo a mostrar as coisas em seu surgimento” (p. 188). Tem-se o indizível como o já lançado no mundo, contudo estaria oculto aos humanos, sendo acessado através da própria arte, que neste estudo, é a literatura.

No contexto frenético da atualidade, somos constantemente atravessados por inúmeros estímulos dopaminérgicos e, o simples ato de estar no trânsito já nos inquieta. Sinto que utilizei desses pretextos para não entrar em contato com o meu próprio travo, assim como G.H: “Era-me nojento o contato com essa coisa sem qualidades nem atributos, era repugnante a coisa viva que não tem nome, nem gosto, nem cheiro. Insipidez: o gosto agora não passava de um travo: o meu próprio travo” (Lispector, 1964, p.69).

Como tem sido difícil viver o dia, observar-me pacientemente, bem como o ambiente ao meu redor, valorizar o sol, minha família, amigos e privilégios que tenho. Sair um pouco da correria cotidiana e da busca, constante, por atingir objetivos é algo novo e surpreendentemente desafiador, me senti compreendida por G.H., quando ela explicita: “A hora de viver é um ininterrupto lento rangido de portas que se abrem continuamente de par em par. Dois portões se abriam e nunca tinham parado de se abrir. Mas abriam-se continuamente para - para o nada?” (Lispector, 1964, p.63).

Nesse contexto, é possível perceber-me como um Dasein lançado de acordo com os meus projetos, sendo possível a escolha do que farei ou não parte, bem como a decisão de ser, o meu eu mais autêntico, ou não (Heidegger, 2004). Para Heidegger, responde-se, sempre, pelas possibilidades de seu ser – propriedade e impropriedade.

Sinto que grande parte da minha vida me coloquei no mesmo lugar que G.H. de criar uma imagem perfeita, a fim de suprimir os desejos dos outros e, dessa forma, não me responsabilizar pelos meus atos e suas consequências. Contudo, o processo de se dar conta disso é extremamente doloroso e exige uma ação. Continuar na inércia ou me debruçar sobre o mundo, com todos os medos e incertezas?

A quebra da expectativa do outro, frente à imagem idealizada de G.H., assim como uma aproximação da verdadeira vontade da protagonista, causou um alívio momentâneo, devido à revelação de sua autenticidade. Alguns momentos emblemáticos, na minha vida, foram essenciais para o desvelamento do meu ser-aí imperfeito e repleto de possibilidades, nunca pensadas. Assim como G.H., senti-me mais leve e com uma sensação de liberdade e este é um terreno nunca explorado por mim antes: “Estava me libertando de minha moralidade, e isso era uma catástrofe sem fragor e sem tragédia” (Lispector, 1964, p.69).

Lembro-me perfeitamente de um evento emblemático em que estive no ápice de minha autenticidade e, felizmente, quebrei esta imagem irretocável e irreal que tanto me assombrava. Foi a mesma sensação vivenciada por G.H. no trecho a seguir: “[...] talvez na hipótese de algum vizinho me ter visto fazer o gesto proibido, que sobretudo não combinava com a mulher educada que sou, o que me fazia sorrir” (Lispector, 1964, p. 29).

Foi o meu ponto de partida, o meu primeiro grito, todo aquele medo de decepcionar os outros diminuiu, bem como o peso de sustentar uma Mayane que nunca existiu. G.H. traduz exatamente essa sensação, no trecho abaixo:

Tudo se resumia ferozmente em nunca dar um primeiro grito - um primeiro grito desencadeia todos os outros, o primeiro grito ao nascer desencadeia uma vida [...] se eu gritasse desencadearia a existência - a existência de quê? A existência do mundo.

Com reverência eu temeria a existência do mundo para mim. (Lispector, 1964, p. 50-51)

Eu imaginava que essa ruptura necessitaria de um ato extraordinário, de realmente transgredir, por completo, os meus anos de inautenticidade, pois assim como G.H. traz: “Ser vivo é um estágio muito alto, é alguma coisa que só agora alcancei” (Lispector, 1964, p. 139), parecia-me algo muito distante da minha realidade e capacidade. Contudo, paradoxalmente, G.H. prossegue: “Quando se realiza o viver, pergunta-se: mas era só isto? E a resposta é: não é só isto, é exatamente isto” (Lispector, 1964, p. 140).

O medo de mexer na minha tão bem estruturada impessoalidade quase me fez desistir de buscar esse viver. “O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade” (Lispector, 1964, p. 10). Como simplesmente viver sem organizar metodicamente os meus dias? Torna-se muito mais difícil o viver por viver, sem organizações e falsas certezas.

G.H. aponta tal falsa sensação de viver de forma programada: “Até agora achar-me era já ter uma ideia de pessoa e nela me engastar: nessa pessoa organizada eu me encarnava, e nem mesmo sentia o grande esforço de construção que era viver” (Lispector, 1964, p.10). A falsa segurança que o cronograma me trazia, agora não faz mais sentido.

Como explicar que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra - como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização? (Lispector, 1964, p.65)

G.H. pontua que: “Perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando” (Lispector, 1964, p. 11) e: “Toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão. Todo momento de achar é um perder-se a si próprio” (Lispector, 1964, p.15). Parece-me que a grande questão da vida é este movimento de se perder e de se encontrar, de estar em constante processo de movimentação, que é extremamente angustiante.

A angústia, para Heidegger, é a disposição fundamental, a abertura responsável por permitir a saída deste estado de decadência e a, posterior, apropriação do seu ser (Ferreira, 2002). Além disso, tal filósofo pontua que a partir da angústia, o Dasein tem seu mundo retirado, não sendo possível fugir de si e escapar para o mundo, e é restituído como ser-no-mundo e entra em contato consigo, encontrando-se livre para estar de modo próprio ou impróprio com o seu ser.

Nesse contexto e, a partir da minha angustiante vivência, pude perceber que a leitura desta obra trouxe, também, um ganho, acadêmico e profissional, considerável. Como estudante de psicologia, sempre me senti insegura frente à prática clínica. Apesar dos 5 anos de teoria, bem como quatro estágios, a sensação de segurança só é adquirida na prática.

Quer dizer, era assim que eu imaginava e, durante meses, tomei como verdade absoluta. Percebi, após a imersão na obra citada, que o mergulho em mim, tem uma importância tão primordial quanto a práxis. A partir dos meus questionamentos, bem como criação e experiencição de novos sentidos existenciais, consegui desprender-me das certezas, que eu julgava tão necessárias para uma vida harmônica e adequada, no mais fiel sentido da palavra.

Adequada às formas impostas socialmente e aos moldes confeccionados, por outros, e nunca remodelados por mim. Ao ler Clarice, compreendi a necessidade das minhas falhas e

inadequações, frente aos meus antigos padrões, as quais me constituem e me fazem ver o outro, também, como ser-aí. Apesar do pleonasma, nem sempre enxerguei o que estava diante dos meus olhos.

Como futura psicóloga, imaginava que precisaria manter uma postura profissional e distante, a fim de realizar um bom atendimento. Tal concepção mudou no momento em que descobri que Clarice negava ser uma escritora profissional, afirmando ser uma amadora (Azeredo, 2021). Como Clarice Lispector, a ilustre escritora brasileira, seria de alguma forma amadora?

Como é versado por Azeredo (2021), para Lispector, ser amadora consiste em ser livre para experienciar, é a entrega ao viver, arriscando-se sem saber, ao certo, os gostos e sabores não experimentados. Mais uma vez, senti minhas concepções sendo reformuladas e me permiti desacostumar o paladar, tão viciado em falsas noções de seguranças e infalibilidades.

### **Considerações finais**

A partir do exposto, conclui-se que a obra foi vivenciada de modo extremamente íntimo, possibilitando reflexões acerca da minha vida, bem como fazendo-me questionar se eu estou vivendo ou apenas sobrevivendo. A cena da ingestão da barata foi difícil de ler e tive que fazer várias pausas devido à cena ser escatológica e descrita minuciosamente, provocadora de náuseas. Paradoxalmente, isso mudou a minha relação com baratas, que, a partir da vivência da obra, começaram a me remeter às múltiplas possibilidades existentes para mim como ser-no-mundo.

De acordo com o viés heideggeriano, a leitura abarcou um olhar mais crítico a respeito do mundo e da sociedade, expandindo o meu olhar frente às atitudes humanas. A abertura de sentido, bem como as temáticas circundantes, foi destrinchada e vivenciada de

modo único. A realização do trabalho fez-me perceber como a literatura pode favorecer o contexto clínico, tanto como psicóloga, como cliente.

Para o âmbito clínico, foi primordial utilizar a obra como meio de abertura e desvelamento de mundo, sendo possível a desconstrução e construção de diversos sentidos. Ao tematizar sobre os meus sofrimentos e angústia, torno-me mais autêntica, sendo capaz de aproximar-me do cliente de forma mais experiencial, favorecendo o descortinar de sentidos entre alteridades.

Senti que, como aluna de psicologia, o contato com a obra permitiu-me olhar para o meu interior e refletir sobre a minha atuação. Como eu estava me posicionando frente aos clientes, bem como se o meu olhar estava aberto às possibilidades, sem deixá-las reduzirem os indivíduos e os fenômenos desvelados. Seria, eu, capaz de ter uma ampliação de sentidos simultaneamente à presentificação e à experienciação, única, dos fenômenos durante um atendimento?

Como cliente, bem como pessoa, senti-me mais livre para ser fiel aos meus sentimentos, aceitando-os e me vendo como um ser humano com falhas, que não retiram os meus méritos e conquistas, mas me tornam existente e capaz de compreender o outro, também, como este ser-aí e em constante mudança.

### Referências

- Alonso, M. (2011). Rosas e angústia: diálogos possíveis entre Martin Heidegger e Clarice Lispector. *Kalagatos: Revista de Filosofia*, 8(15), 155–187. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5999/4835>
- Araújo, P. A. (2007). Nada, angústia e morte em ser e tempo, de Martin Heidegger. *Revista Ética E Filosofia Política*, 2(10). <https://doi.org/10.34019/2448-2137.2007.17839>
- Azeredo, R. F. (2021). De vida e obra ao Lispectar clínico de Clarice. Em Feijoo, A. M. L. C.; Vorsatz, I. & Lessa, M. B. M. F (Ed.), *Poesia e prosa em diálogo com a clínica psicológica*, (pp. 145-168).
- Bezerra, M. E. S., & Bezerra, E. N. (2012). Aspectos Humanistas, existenciais e fenomenológicos presente na Abordagem Centrada na Pessoa. *Revista NUFEN*, 4, 1-16. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912012000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200004)
- Braga, T. B. M., & Farinha, M. G. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Phenomenological studies - Revista Da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 65–73. Disponível em <https://doi.org/10.18065/rag.2017v23n1.7>
- Betti, M. S. (2019). Sobre “O direito à literatura”, de Antonio Candido. *Literatura e sociedade*.
- Costa, M. F. B. (2007). ...da Solidão e da Condição... (por uma antropologia da solidão: uma abordagem a partir de Clarice Lispector e Martin Heidegger) [Tese (doutorado)]. Universidade Federal de Pernambuco, PE.
- Davis, B. W. (2020). *Martin Heidegger: Conceitos Fundamentais*. Editora Vozes.

- Feijoo, A. M. L. C. de; Protasio, M. M. (2015). *Situações Clínicas I: Análise Fenomenológica de Discursos Clínicos*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Ferreira, A. M. C. (2002). Culpa e angústia em Heidegger. *Cógito*, 4, 75- 79. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792002000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012)
- Ferreira, J. M. S., & Brasil, V. M. (2022). Ana e o amor: leitura fenomenológico-existencial de Clarice Lispector. *REH- Revista Educação e Humanidades*, 3, 124-137. Disponível em <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/10318>
- Freitas, G. S. (2020). Os liames entre Clarice Lispector e Heidegger em torno da linguagem. *Revista Araticum*, 2, 53-61. Disponível em <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/1016>
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. (M. S. C. Schuback, Trad). Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 1959)
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. (F. Castilho, Trad.). Campinas: Editora da Unicamp, Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 1927)
- Lispector, C. (1964). *A paixão segundo G.H: romance*. Rocco.
- Lobato, M. (1981). *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação.
- Magliano, F. R, & Sá, R. N. (2015). Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 19-32. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200003&lng=pt&tlng=pt).
- Mannes, I. (2020). *Heidegger, o pensar a angústia enquanto uma abertura para a formação humana* (Dissertação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216100>

Moser, B. (2017). *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Nascimento, M. F. (2011). *Benedito Nunes: relações da obra de Clarice Lispector com teorias de ser e tempo de Heidegger (Dissertação)*. Unicamp, São Paulo, SP.

Nunes, B. (2012). *Passagem para o poético*. Edições Loyola.

Oliveira, B. A. S. (2006). *Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger (Dissertação)*. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp043778.PDF>

Peruzzo, A. (2011). A importância da literatura infantil na formação de leitores. *Cadernos do CNLF*, 15(5), 95-104. Disponível em [http://filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/08.pdf](http://filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/08.pdf)

Santos, L. A. (2007). O fenômeno da abertura como modo de manifestação do ser. “Existência E Arte”- *Revista Eletrônica Do Grupo PET*, 3(3), 1-10. Disponível em [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3\\_Edicao/FENOMENO%20DA%20ABERTURA%20COMO%20MODO%20DE%20MANIFESTACAO%20Leandro.pdf#:~:text=Ou%20seja%2C%20quando%20se%20d%C3%A1%20a%20abertura%20na,coisas%20que%20no%20mundo%20nos%20vem%20ao%20encontro](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/FENOMENO%20DA%20ABERTURA%20COMO%20MODO%20DE%20MANIFESTACAO%20Leandro.pdf#:~:text=Ou%20seja%2C%20quando%20se%20d%C3%A1%20a%20abertura%20na,coisas%20que%20no%20mundo%20nos%20vem%20ao%20encontro)

Sá, R. N. (2001). A analítica heideggeriana da existência em “ser e tempo”. *PsiBrasil*. 1(2). Disponível em [https://www.ifen.com.br/jornada/roberto-analitica\\_heideggeriana.pdf](https://www.ifen.com.br/jornada/roberto-analitica_heideggeriana.pdf)

Santos, L. G. C. S., & Borges, B. S. (n.d.). *A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES*.

Silva, E. T. (1995). A produção da literatura na escola: Pesquisas x propostas. São Paulo: Ática.

Souza, C. P; Callou, V. T; & Moreira, V. (2013). A questão da psicopatologia na perspectiva da abordagem centrada na pessoa: diálogos com Arthur Tatossian. Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies, 19(2), 189-197.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200006)

Stefani, J., & Cruz, N. O. (2019). Compreensão e linguagem em Heidegger: ex-sistência, abertura ontológica e hermenêutica. Revista de Estudos do Discurso, 14(2), 112–127.  
<https://doi.org/10.1590/2176-457339683>